

O CONCEITO DE COMPETÊNCIA COMUNICATIVA EM RETROSPECTIVA E PERSPECTIVA

Marilda Macedo Souto Franco (CILC-SEDF)
José Carlos Paes de Almeida Filho (UnB)

RESUMO: Embora o termo competência comunicativa (CC) seja amplamente usado por professores de línguas e pessoas ligadas ao setor educacional, ele ainda representa um desafio para muitos deles que buscam sua precisa acepção de modo a adequá-lo à investigação científica e ao ensino-aprendizagem de línguas no âmbito da Linguística Aplicada brasileira. O verdadeiro sentido desse construto tão impactante para a Linguística e Linguística Aplicada ainda aguarda clarificação e detalhamento. O propósito deste artigo nesta coletânea é discutir o estágio atual de desenvolvimento do termo e sua teorização preparando-nos para ajudar aprendizes e professores de línguas a estabelecer objetivos de estudo e níveis de proficiência e confiança numa nova língua que constrói e adapta competência de uso sensível aos contextos. Através da análise dos mais importantes estudos sobre CC hoje disponíveis entre nós pretendemos aqui mostrar progressos e sobreposições, semelhanças e diferenças de posições que puderam nos levar a aventar uma representação condensadora do conceito e explorar algumas das repercussões que isso traria.

Palavras-chave: competência comunicativa; representação da competência comunicativa; Aquisição de segunda língua; história do conceito de CC.

ABSTRACT: Although the term Communicative Competence is widely used by teachers and people who deal with language education, it still is a challenge for many of them to understand what this term really represents for the scientific area of Applied Linguistics in Brazil. The real meaning of the construct still requires clarification. The aim of this article is to discuss the state of the art of the term Communicative Competence and in order to help students and teachers to develop their ability of communication to justify the language teaching in Brazil. Through the analysis of the most important studies in this area we intended to show advances and overlaps, similarities and differences that allowed us to risk a condensed representation of the concept and to explore some of the byproducts and repercussions the new framework would help bring about.

Key Words: communicative Competence; representation of communicative competence; second language acquisition; history of the term CC.

1. INTRODUÇÃO

Este texto ensaia reconstituir a trajetória do conceito de competência comunicativa (CC) desde o seu surgimento com Hymes (1971) para discutir o que esse construto representa hoje para a teoria de Aprendizagem e Ensino de Línguas (AELin) e para a área científica da Linguística Aplicada como um todo. Embora esse termo venha sendo amplamente discutido há mais de quarenta anos, ele ainda provoca curiosidade, esperança e dúvidas entre professores e instiga pesquisadores a procurar defini-lo de forma que se possa ajudar o aluno e o professor a desenvolverem suas capacidades de comunicação e a justificarem um ensino comunicativo de línguas (Celce-Murcia, 2008).

Para explicar o possível impacto da CC nesse campo da AELin e na área teórica maior (a Linguística Aplicada) faz-se necessário caracterizá-la primeiro. Para isso, inicialmente serão apresentados os principais traços e avanços na teorização da CC desde a sua origem até os dias atuais, assim como um histórico das discussões e questionamentos que essa teorização gera. Segundo alguns autores, entre eles Almeida Filho (1993) e Celce-Murcia (2008), faz-se necessário entender esse construto para que cheguemos ao objetivo do ensino de línguas propriamente dito: a aquisição de uma língua-alvo.

No desenrolar do texto também serão apresentadas as perspectivas das principais teorias sobre a CC, aqui entendida como um construto ainda em formação, com discussões ainda inconclusas sobre seus elementos constituintes e *modus operandi*. Descreveremos brevemente a metodologia empregada neste trabalho na seção 3 deste texto.

Na pesquisa analítica que aqui empreendemos, perguntamos como se representa a CC para professores de língua(s) e também para pesquisadores da área de Ensino e Aprendizagem de Línguas nos dias atuais na tentativa de entender a disponibilidade atual e o potencial que esse conceito representa para seus possíveis beneficiários.

Ao final, serão notadas considerações sobre a CC hoje e a relação dela com o ensino de línguas no Brasil e será apresentado também um arcabouço atualizado de nossa lavra dos componentes desse construto e a conclusão a que chegamos após longa reflexão em nosso grupo de estudos (citado abaixo) coordenado pelo Prof. Almeida Filho na Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UnB.

2. A JORNADA HISTÓRICA

O conceito de competência comunicativa vem sendo discutido desde quando surgiu com Hymes (1971), no seu texto de ampla circulação *On communicative Competence* no qual discorda da dicotomia apresentada por Chomsky (1973) entre competência e desempenho e critica as teorias linguísticas “irrelevantes” (segundo ele) que, até então, contemplavam um falante ideal sem considerar o contexto social em que os comunicantes

estivessem envolvidos. A Competência Comunicativa é um termo mais complexo e sugere uma dinâmica que abrange bem mais do que o simples conhecimento de regras gramaticais e sua pretensa aplicação. Hymes (op.cit.) mostra a importância do contexto para que se desenvolva a CC a partir da interação entre os comunicantes, argumentando que *não há aquisição de língua fora do contexto social* (nossa ênfase). É o uso que busca a propriedade na linguagem em diversos contextos de comunicação que vai contribuir para o desenvolvimento dessa crucial competência.

Propondo um conceito mais amplo de CC, Hymes (1971) afirma que a noção de competência não está somente relacionada ao âmbito estritamente gramatical, mas também ao contexto e ao conhecimento sociolingüístico que ele dispara, ou seja, o conhecimento gramatical pode ser inútil ou insuficiente sem as regras de uso porque os enunciados também devem ser apropriados e aceitáveis para serem coerentes nos contextos específicos em que acontecem. O autor completa que uma criança adquire não somente conhecimento de sentenças gramaticalmente bem formadas, mas a capacidade de uso apropriado dessas estruturas. Ela adquire competência quando fala, quando não fala e durante suas experiências sociais e relações interpessoais e intrapessoais. Hymes (op.cit.) define CC como o aspecto de nossa competência de uso de uma língua que nos possibilita transmitir e interpretar mensagens e de negociar significados interpessoalmente dentro de contextos específicos. Pensando assim, ele dividiu a CC em competência lingüística, que se compõe das regras gramaticais, ou seja, o conhecimento de língua e em competência sociolingüística, que inclui as regras de uso.

Analisando mais profundamente a teoria de Chomsky, Hymes sugere quatro formas de reconhecer a CC: primeiro verificando se um enunciado é possível, ou seja, observando se uma dada ocorrência é gramaticalmente correta; segundo, se é exequível, ou seja, se em termos de informação pessoal ela está disponível; terceiro, se é apropriada, ou seja, se mostra socioculturalmente correta e, quarto, se é realizável, ou seja, se ela realmente ocorre regularmente nessa língua.

Embora a teoria de Hymes não seja voltada especificamente para o ensino de línguas, ela influenciou imensamente os teóricos da área

acadêmica de AELin e linguistas aplicados que procuravam nas décadas de 70 e 80 do século passado desenvolver uma abordagem comunicativa de ensino de línguas. Um fato digno de nota, no entanto, é que a teorização sobre a CC apareceu primeiro numa publicação baseada numa conferência proferida num congresso sobre a linguagem de crianças excepcionais, um tema de interesse genuinamente aplicado, com visíveis marcas de interesse no processo de aquisição de L1 e possivelmente no processo de ensinar línguas também. Hymes escrevia (e pensava) não somente como linguista, mas também como antropólogo e folclorista que foi ao longo de toda a vida. A linguística liderada por Chomsky nos anos 60 e 70 não autorizava em público a aplicação direta de teoria lingüística, fortemente gerativo-transformacional nesses anos (vide Chomsky, 1966). Privativamente, havia nessa época (e até bem mais adiante) grande fervor aplicativo traduzido como o sentido padrão da Linguística Aplicada. Hymes parecia querer dar respostas à sociedade sobre questões de uso das línguas. Por isso, o conceito-chave de competência linguística distinto de desempenho, de atitudes assumidas por quem circula na língua e desvinculado de cultura e contextos reais de interlocução não puderam mais ser tolerados por ele. A solução foi propor o conceito muito mais abarcador e humanizador de competência comunicativa que não parou de nos incitar como professores e aprendizes de línguas, e como pesquisadores linguistas aplicados.

Mais tarde, Canale e Swain (1980) retomaram o fio primeiro tecido por Hymes, afirmando que entendiam comunicação como algo baseado em interações socioculturais e interpessoais imprevisíveis e criativas que acontecem em contextos socioculturais. Propuseram, então, um arcabouço teórico do que seja uma CC voltada para a abordagem comunicativa de ensino de línguas. A teoria desses autores aponta que a CC interage com uma teoria de ação humana e com outros sistemas de conhecimento humano. Essa teoria se refere tanto ao conhecimento como à habilidade, ambos utilizados numa comunicação real. Esse arcabouço de Canale e Swain também foi criado objetivando ser usado para o ensino de línguas e para a avaliação de rendimento e proficiência nesse idioma. Para eles, a estrutura teórica de CC teria implicações para as principais áreas do ensino

de línguas: programas de curso, método de ensino, treinamento (formação) de professores e desenvolvimento de materiais de ensino. A partir dessa premissa, o termo CC foi subdividido em três componentes distinguindo as partes principais da competência de linguagem.

(1) *Competência Gramatical* (CG): esta competência se relaciona com o domínio do código linguístico, quer seja ele o verbal, quer seja o não-verbal; relaciona-se, também, ao conhecimento de termos lexicais e regras de morfologia e sintaxe. Segundo Canale e Swain (1980), essa competência seria importante para qualquer tipo de abordagem comunicativa cujos objetivos fossem prover os aprendizes com o conhecimento de como se determina e se expressa com precisão o sentido literal dos enunciados.

(2) *Competência Sociolinguística* (CS): envolve as regras socioculturais de uso e regras de discurso. Segundo os autores, conhecimentos das regras socioculturais adquiridas para compor esta competência seriam cruciais para interpretar declarações de significado social. Essa competência equivale a uma adequação do enunciado à forma.

(3) *Competência Estratégica* (CE): relaciona-se às estratégias de comunicação verbal e não verbal que compensam a competência insuficiente e contribuem para tornar a comunicação mais eficaz. É uma compensação das falhas da comunicação devidas a uma limitação na comunicação real.

(4) Em 1983, Canale expande o conceito de CC com o acréscimo de mais um componente - a *Competência Discursiva*- que segundo ele, refere-se à capacidade de combinar formas gramaticais para formar um texto coerente e coeso. O autor (op. cit.) diz ser importante considerar as noções básicas incluídas no conceito de CC para se evitar confusões incorridas nas investigações pouco cuidadosas.

Bachman (1990), especialista em avaliação de aprendizagem/aquisição, volta a afirmar que vários são os fatores que afetam o desempenho de um instrumento de avaliação de línguas e que o conhecimento desses fatores e de como eles afetam a contagem é importante para o desenvolvimento e uso das avaliações. Seu objetivo,

então, é o aprimoramento dos testes e exames de língua, para isso recorrendo à CC.

Para esse autor, as teorias sobre proficiência já não se mostravam mais suficientes para demonstrar o desempenho numa língua. O surgimento da CC com Hymes trouxe importantes avanços para a avaliação de proficiência. O autor concorda com Canale e Swain (1983) na afirmação de que a habilidade de usar língua envolve tanto o conhecimento gramatical como a capacidade para implementação ou o desempenho dessa capacidade. Ressalta, assim como Hymes, que é o uso do contexto em que ocorre a linguagem, tanto o contexto que envolve o discurso, do qual orações e frases fazem parte, quanto a sua situação sociolinguística, que governa a natureza desse discurso.

Para Bachman o principal componente que a CC trouxe para o conhecimento de línguas foi o conhecimento que vai além das regras gramaticais, conhecimento de língua que usamos para alcançar objetivos comunicativos e o reconhecimento do uso da linguagem como um processo dinâmico. Para tanto, concebe a CC como sendo composta de três componentes: Competência de Língua, Competência Estratégica e Mecanismos psico-fisiológicos. *Competência de Língua*, que compreende os conhecimentos usados na comunicação via língua, léxico, morfologia, sintaxe, coesão, coerência semântica e pragmática. *Competência Estratégica*, que se refere à capacidade mental para implementação da competência de língua em contextos comunicativos. Mecanismos psico-fisiológicos compreendem os processos mentais e neurológicos que envolvem a efetiva execução da língua como um processo físico.

O arcabouço teórico de CC desenvolvido por Bachman (1990), que o chamou de habilidade de linguagem comunicativa ou “competência de linguagem”, consiste em conhecimento, competência e capacidade de implementar ou executar essa competência apropriadamente em uso comunicativo de língua em contexto específico, foi usado como base para testes de linguagem. A partir da percepção de que a competência abarca conhecimentos específicos que são usados na comunicação, o autor dividiu a CC em competência organizacional, subdividida, por sua vez, em competência gramatical e competência textual; e competência pragmática,

subdividida em competências ilocucionária e sociolingüística. A competência gramatical é semelhante à competência linguística de Canale e Swain (1980) e a competência textual semelhante à discursiva de Canale (1983).

A competência ilocucionária, segundo o autor (op. cit.), nos possibilita usar a língua para expressar e entender várias funções de linguagem. A competência sociolingüística, por sua vez, nos habilita a usar a língua apropriadamente de acordo com o contexto.

Celce-Murcia, Dörnyei e Thurrel (1995) elogiam o modelo de Canale e Swain, ressaltando que a sua maior contribuição foi a incorporação da competência sociolingüística, que posteriormente foi separada da discursiva. Eles acrescentam que um ensino comunicativo de línguas requer uma descrição detalhada do que significa Competência Comunicativa, para que os seus subcomponentes sejam usados no planejamento de curso de língua. Então, propuseram um arcabouço de CC que chamou de “um passo à frente” ou “modelo evoluído” de Canale e Swain. Ressaltam a grande contribuição de Canale com a incorporação da competência sociolingüística. Na representação dessa autora temos as seguintes competências: a Discursiva, a Linguística, a Estratégica, a Sociocultural e a Acional (essas duas últimas antes formavam a Sociolingüística). Eles explicam que os recursos de língua estão nos componentes linguístico, acional e discursivo, enquanto que o conhecimento sociocultural é necessário para se “remanejar apropriadamente” os recursos de outros componentes. A Competência Acional é a habilidade de produzir e compreender os atos de fala. Podemos encontrar semelhança dessa competência com a Ilocucionária, de Bachman (op. cit.). Na verdade, podemos perceber que ela tenta reduzir ao máximo o modelo de Bachman, com a criação de um modelo mais conciso, que nos remete novamente a Canale (1983).

Em 2008, Celce Murcia propôs um modelo “atualizado” de CC que, segundo ela, é destinado ao ensino de línguas. Esse novo modelo ficou dividido nas Competências Linguística, Sociocultural, Discursiva, Formulaica e acrescentou a Interacional na qual incorporou a anteriormente denominada Competência Acional. Da mesma forma que em seu modelo

anterior (o de 1995), a Competência Discursiva segue situada no papel central do construto Competência Comunicativa. Esse termo, segundo a autora estadunidense, se refere à “seleção, sequenciamento e organização de palavras para se chegar a um enunciado completo”. No seu texto também é destacada a importância de se desenvolver o conhecimento sociocultural porque professores de língua, muitas vezes, têm mais conhecimento ou dão mais atenção às regras linguísticas do que aos comportamentos sociais e expectativas que acompanham o uso da língua-alvo.

A Competência Sociocultural, neste novo modelo, segundo Celce-Murcia, (2008) inclui o “conhecimento de variação linguística com referência às normas socioculturais da língua-meta”. A autora supracitada afirma que um engano cultural pode ser muito mais sério do que um erro linguístico quando numa situação de comunicação. Já a Competência Interacional, segundo ela, está relacionada aos atos de fala, e esses “podem se diferenciar de forma importante de língua para língua”.

Cantero (2008) em seu contexto europeu espanhol também se propôs a tratar da Competência Comunicativa e o fez afirmando que não devemos nos deter no conceito desse construto, mas à complexidade que o termo implica. Ele define a CC como o *conceito chave que permite entender e explicar a interação humana a partir das capacidades dos interlocutores* (p. 1). Cantero analisa a Competência Comunicativa partindo de Canale e Swain (1980) e do MRCE (Marco de Referência Comum Europeu) dividindo-a em duas partes: competências de tipo geral ou estratégico, que incluem as competências: linguística, discursiva, estratégica e cultural, as quais, segundo o autor, compõem a Competência Sociocultural; e competências específicas, que incluem as competências produtiva, perceptiva, interativa e mediadora. A sua proposta de conceito se diferencia dos demais autores pela ênfase que dá às duas últimas competências, que segundo ele são propostas pelo MRCE. A Competência Mediadora é definida como a capacidade de compreender traduzir, interpretar, parafrasear, resumir e adaptar o discurso próprio ou alheio, no sentido de torná-lo compreensível a outros interlocutores. Já a Competência Interativa

equivale à *capacidade de administrar a comunicação com um ou mais interlocutores* (p.6).

Almeida Filho (2009), coordenador do projeto “Pró-Formação (Análise e Formação de Professores e Alunos de Língua(s) via Abordagem e Competências) na Universidade de Brasília, visando burilar uma teoria que melhor esclareça o processo de aprendizagem/aquisição e ensino de línguas, criou – juntamente com seus colaboradores nesse projeto – um arcabouço com características próprias de CC, com o intuito de operacionalizar o uso desse importante construto (ver figura 1 abaixo) no bojo do Projeto.

Essa representação sintetizadora se explica da seguinte maneira: o círculo maior representa o complexo da Competência Comunicativa. No círculo menor interno, temos a *Subcompetência Linguística* que é o conhecimento das regras gramaticais, e no círculo menor, dentro desse, aparece a *Subcompetência Metalingüística* que representa os conhecimentos e as capacidades de citação de regras explícitas com nomenclatura específica aprendidas conscientemente.

Na parte da direita, na qual vemos os minúsculos círculos e triângulos vermelhos, está representada a *Subcompetência Interacional* que é a capacidade de colocar-se em comunicação com outros, seja ela oral ou por escrito (essa sub-competência se assemelha à interativa de Cantero (2008). As ações comunicacionais se dão sob atitudes específicas dos participantes e num fundo de referências culturais que orientam socialmente o que se diz ou a compreensão situada do que se ouve. O guarda-chuva da *competência Interacional* é formado por definições nas esferas das operações discursiva e textual, essas representadas pelos pequenos círculos e triângulos. A *Sub-Subcompetência Discursiva* é a capacidade de manutenção do fluxo discursivo entre usuários de uma dada língua para a compreensão e expressão de significados situados num contexto. A *Sub-Subcompetência Textual* caracteriza-se pela capacidade de composição e leitura de textos em gêneros distintos.

O componente *Metacomunicacional* (à esquerda representado por um pequeno círculo vermelho escuro) é caracterizado pela capacidade do

falante de uma língua de saber reconhecer e explicar verbalmente com taxonomia adequada aspectos relevantes da comunicação.

A *sub-competência estratégica* (Cf. CANALE e SWAIN, 1980) refere-se aos componentes de compensação e de realce da comunicação, que são: formulaico, estético e lúdico. Ela é formada pela *Competência Estratégico-Formulaica* e a *Competência Estético-Lúdica* que se referem à capacidade de relacionar a aquisição da língua com a produção de um discurso sedutor e atraente capaz de manter o fluxo comunicativo da mesma forma que o compensa quando faltam recursos linguísticos.

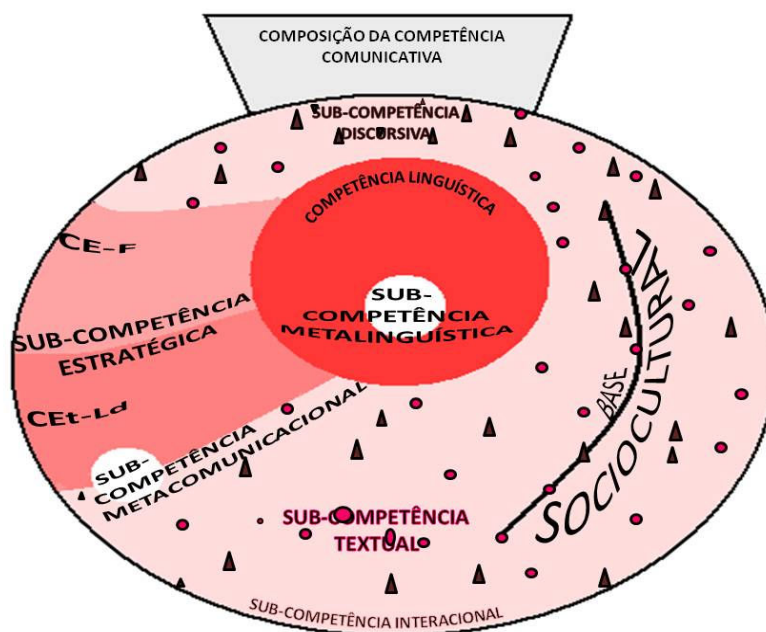


Figura 1: Representação da CC a partir de discussões no projeto Pró-Formação, por Almeida Filho et alli, (2009).

3. METODOLOGIA DE ANÁLISE

Como a nossa intenção neste texto é compor um quadro evolutivo do construto Competência Comunicativa e, além disso, apresentar nossa perspectiva atual e explorar algumas projeções do futuro desse importante conceito, o método usado para a discussão da nossa questão inicial, foi o de pesquisa analítica histórica. Segundo Paschoal (2001), é por meio da separação de um todo (e aqui o todo é a Competência Comunicativa descrita pelos sucessivos autores) em suas partes que, no estudo em separado das partes e na busca da inter-relação entre elas se tem uma

melhor compreensão do todo. O corpus da pesquisa restringe-se a seis textos publicados entre 1971 a 2008. A apresentação crítica desses textos é feita a partir da ordem cronológica de publicação.

Segundo Thomas & Nelson (2005), uma pesquisa caracteriza-se como analítica por envolver o estudo e avaliação aprofundada dos modelos disponíveis e conceituações as mais relevantes sobre uma idéia ou conceito. No nosso caso, focalizamos o construto da competência comunicativa na tentativa de definir seus contornos complexos numa linha diacrônica evolutiva. Os contextos das definições e redefinições dos autores escolhidos por sua projeção na comunidade científica da Linguística Aplicada ajudaram-nos a avaliar propriedade, elegância e poder de explicações teóricas.

Além dessa avaliação, nosso objetivo envolve a demonstração dos fatos que contribuem para a melhor compreensão e significância dos modelos anteriores, bem como a proposta de contornos próprios sugeridos por nossa pesquisa rumo a um modelo integrado que possa servir para o progresso do ensino de línguas no Brasil.

4. CONSIDERANDO AS REPRESENTAÇÕES DA CC

Analisando as três mais recentes representações da Competência Comunicativa de Celce-Murcia (2008), Cantero (2008) e Almeida Filho (2009), notamos que elas se diferenciam no sentido de que Cantero (2008) toma a competência estratégica como o centro da CC, considerando-se os recursos que o falante utiliza para relacionar seus conhecimentos, saberes e habilidades. Já Celce-Murcia, na sua representação, mostra que a competência discursiva como o centro da CC, refere-se à sequência, seleção e arranjo de palavras, estruturas e declarações para uma mensagem completa (p.46). Por sua vez, Almeida Filho considera a Competência Linguística (representada pelo círculo no centro do desenho) como subordinada à comunicação, mas ao mesmo tempo a base sem a qual não se desenvolvem as outras sub-competências.

Acerca do histórico descrito anteriormente neste artigo e retomando alguns pontos discutidos no item 2, consideramos muito eficaz a forma de

definição das sub-competências sociocultural e interacional feita por Celce-Murcia (2008). Discordamos, no entanto, que essas sejam sub-competências distintas. A competência interacional, segundo a autora, e conforme mencionado acima, está relacionada aos atos de fala e também às regras de rodízio de turnos (*turn-taking*). Esses são conhecimentos que permitem ao falante-ouvinte saber as regras de conversação de acordo com a cultura do país da língua-alvo: como se realizam culturalmente os atos de fala, como se começa e termina uma conversação, como se estabelece e muda o tópico da conversa, como interromper alguém, como interpretar e evitar equívocos em linguagem corporal etc.

De alguma forma a definição da autora se assemelha à definição de Cantero (2008) para competência interativa. Encontramos semelhança também nas definições de competências sociocultural de Celce-Murcia (2008) e cultural de Cantero (2008).

Podemos inferir, analisando o texto de Celce-Murcia (2008), que tanto a competência sociocultural, que pode ser definida como o domínio do conjunto de conteúdos socioculturais próprios, ou seja, conhecimento das formas particulares de realização de ações comunicativas de uma determinada comunidade de fala (contexto), e a interacional são fortemente similares, uma vez que todas se referem às regras de uso dentro de um contexto específico, o que nos remete novamente a Hymes (1971).

Ora, se a subcompetência sociocultural e a subcompetência interacional envolvem todas as regras de uso da língua em contexto específico, não há razão para dizer que são competências distintas. Seria melhor considerar o conhecimento sociocultural um componente que vertebra, idiomatiza e enriquece a interação facilitando as relações de comunicação de acordo com a representação de Almeida Filho (2009).

O conhecimento sociocultural possibilita a interação e é adquirido através dela, formando esses elementos uma conexão simbiótica dinâmica. Ou seja, a interação produz insumo sociocultural que gera mais interação gerando por sua vez condições para a aquisição da língua e cultura-metas num processo infinito.

As tentativas dos autores em definir e representar possíveis componentes do construto da Competência Comunicativa nos parecem

convergentes e semelhantes nas suas soluções. É importante ressaltar, que todos que tentam definir o termo CC, concordam com Hymes (1971) em que não há aquisição de língua fora do contexto social. Assim, compreendemos que, a interação é condição *sine qua non* para a aquisição de CC numa língua. É essa interação com qualidades específicas que precisam ser explicitadas teoricamente (e o têm sido). É ela que recupera e movimenta os conhecimentos para a comunicação verbal ou não, é ela que permite ao falante-ouvinte trazer informações para o jogo comunicacional e negociá-las sob o pressuposto de que pelo menos alguma interpretação será possível. Desde que Hymes (1971) chamou a atenção para o lado social da comunicação, professores e profissionais relacionados à linguagem vêm tentando encontrar formas de ajudar com maior precisão o aluno de línguas a desenvolver uma Competência Comunicativa na nova língua que se deseja adquirir. Ambientes que proporcionem interação na quantidade e qualidade adequadas para os aprendentes podem favorecer a aquisição ao equipar e fortalecer o desenvolvimento da CC (vide Almeida Filho e Barbirato, 2000, para rever uma descrição desse ambiente comunicacional requerido).

As formas de representação gráfica do construto da CC, até agora, evidenciam a dificuldade de se resumir os componentes encontrados nas descrições linguísticas num desenho ao mesmo tempo simples ou elegante e expressivo da complexidade de sua dinâmica. Parece-nos que todas as tentativas na trajetória flagrada até agora não têm sido suficientes para representar o composto presumido no termo. A dinamicidade que o termo representa nos faz admitir que os componentes, ao invés de ficarem estáticos cada qual em seu pretense lugar na miríade de subpartes anexadas ao conceito maior como enfeites de uma árvore natalina, movimentam-se por feixes de conexões tanto hierárquica como heterarquicamente, marcados por sinais dos contextos de produção de linguagem.

5 AS PERSPECTIVAS SOBRE A CC NO ENSINO DE LÍNGUAS NO BRASIL

Conforme apontamos anteriormente, o termo CC tornou-se bem conhecido por todos interessados em assuntos de linguagem, mas ainda é imperioso saber como está sendo traduzido o conceito desse termo no âmbito do ensino de línguas.

Como professores e pesquisadores, devemos compreender que na sala de aula ocorrem processos que não são meramente institucionais, mas frutos de crenças e do nível das competências adquiridas de cada profissional num dado momento. Algumas pesquisas têm sugerido que precisamos delimitar melhor quais competências são, de fato, necessárias para se falar uma língua. Embora a sala de aula possa ser considerada um ambiente potencialmente propício para a aquisição de novas línguas (com novas e transformadas competências comunicativas), por alguma razão, isso não tem ocorrido com a frequência que desejaríamos, especialmente em se tratando de segundas línguas.

Também interessa a todos nós, envolvidos em estudos de linguagem, saber como estão sendo conduzidas as aulas na tentativa de se desenvolver a Competência Comunicativa nos dias atuais. Esforços de pesquisadores em Linguística Aplicada são notados nesse campo, e borbulha um consenso geral, entre professores que estudam os processos de aprender e ensinar idiomas e mesmo entre pesquisadores por formação, de que a Competência Comunicativa se adquire através de alguma versão da abordagem comunicativa, focalizando o sentido antes da forma em arranjos temáticos ou por tarefas. Parece-nos que muitos professores persuadidos dessa perspectiva têm conseguido dirigir sua prática para o desenvolvimento de CC nos termos que apresentamos neste trabalho.

Torna-se difícil falar de Competência Comunicativa sem chegar ao conceito de *abordagem*. Um professor que ensina língua com o objetivo de ajudar ao aluno a desenvolver CC, deve ter consciência e saber explicar o que está fazendo. Compreender a abordagem que guia sua prática pode ajudá-lo sobremaneira nessa tarefa. A abordagem comunicativa caracteriza-se pelo foco no uso situado da língua-alvo, nunca elegendo o ensino da

forma (gramatical) como o mais importante. A aquisição de língua é vista como um processo dinâmico de troca e, não mais, como a decoreba de frases sem sentido. É preciso criar oportunidades para que o aluno se envolva conscientemente no processo de aprender para que ele mesmo possa construir sua aprendizagem.

Entretanto o dia-a-dia da sala de aula ainda busca reforços de profissionais e estudiosos no sentido de diminuir a “diferença entre o que se pratica nas escolas e salas de aula e o que projetam acadêmicos teóricos e pesquisadores” Almeida Filho (2005). Fala-se muito em construção de significados junto com o aluno, em foco no sentido e não na forma. Mas a prática evidenciada na realidade do ensino registrado por pesquisadores e estagiários nas escolas regulares não revela bem essa imagem. É bem possível que a explicitação de um conceito realista e conciso de Competência Comunicativa seja de imensa valia para os nossos professores brasileiros fixarem metas de uso e estratégias de ação metodológica para chegarem lá.

A aparição desse conceito não deve ser interpretada como mera complementação ou extensão do conceito de competência linguística. Ao contrário, trata-se de uma mudança de natureza que nos leva a pensar em ensinar língua diferentemente de propor regras gramaticais e sua prática. Essa sub-competência (linguística) que até então havia ostentado um lugar privilegiado ou mesmo exclusivo, passa agora a estar subordinado a um conceito maior – o de Competência Comunicativa, a qual nos permite a comunicação efetiva, o que é ou pelo menos deveria ser o objetivo de todo o ensino de línguas.

Almeida Filho (2005) afirma que adquirir uma língua não é mais aprender, somente, outro sistema, nem só passar informações a um interlocutor, mas, sim, construir no discurso (a partir de contextos sociais concretos e experiências prévias) ações sociais (e culturais) apropriadas. Esse autor acrescenta que a abordagem comunicativa não é uma bateria de técnicas ou um modelo de planejamento, mas sim a adoção de princípios mais amplos como o foco no processo, nas maneiras específicas de como se aprende e de como se ensinam línguas.

Widdowson (1991) lembra que adquirir língua é muito mais que só produzir frase corretas. Continua acrescentando que é também conhecer maneiras de como orações são utilizadas para se conseguir um efeito comunicativo. Todos os aportes desse autor e os de Almeida Filho (op. cit.) casam com os de Celce-Murcia (2008) que, de forma feliz, afirma que o planejamento de um curso de língua deve ser contextualizado e significativo para os aprendentes. No seu texto, está muito bem lembrado de que aspectos não-verbais e paralinguísticos da interação oral são cruciais, mas raramente tratados na sala de aula de língua. O professor deve ter claramente em mente o que deseja para seus alunos e assim conduzir sua prática.

É importante, também, ressaltar que a atitude é um fator muito relevante para o desenvolvimento da CC no aprendiz. Essa atitude positiva que facilita a aquisição depende do filtro afetivo baixo (Krashen 1982). O professor deve tentar tornar o ambiente o mais tranquilo possível para que o aluno se sinta seguro e pronto para a aquisição. A competência interacional permite que isso aconteça, por isso, é interessante que nós, professores, estejamos alertas para a importância de se desenvolver no aluno a capacidade de interagir. Conhecer o outro, o seu modo de viver através de insumo sociocultural pode provocar no aluno a consciência do respeito às diferenças.

Conforme já mencionamos, as reflexões sobre Competência Comunicativa nos levam a pensar na abordagem do professor na sala de aula. Ora, se um professor considera língua na perspectiva de Chomsky (1973) como um conjunto de sinais estáticos, então sua forma de dar aulas será conduzida por essa abordagem. Entretanto, se esse professor considera essa língua dinâmica – que se adquire através da interação e que o conhecimento é uma troca interpessoal – então conduzirá sua práxis de acordo com essa perspectiva. Dessas duas visões, a segunda é a que mais contribuirá para o desenvolvimento de uma Competência Comunicativa forte no aluno. Nesse caso, nosso desafio é explorar as maneiras de se proporcionar aos aprendizes alunos a oportunidade para que aprendam a língua e não somente sobre a língua. Trabalhamos, portanto, com a hipótese de que é possível transformar a sala de aula num ambiente

suficientemente rico de uso de língua de sorte que o aluno ganhe chances extras de desenvolver uma CC na língua-alvo.

Essas são, certamente, questões abertas a mais observações e engrossamento de hipóteses, mas não podem permanecer como indagações sem resposta. Nós professores de línguas, num país ainda pouco escolarizado e com pouco letramentado na sua própria língua, com alunos e professores ricos de uma cultura de grandes traços oralizados, temos de reconhecer nossas fortalezas e preparar a estrada tecnológica na qual entraremos à nossa maneira e não como outras sociedades já tecnologizadas o fizeram. Serão necessárias ainda muitas pesquisas nesta área, observações e publicações de experiências bem sucedidas que nos orientem sobre esse percurso que nos cabe.

Talvez possamos propor um plano de especificações de metas, à moda do Quadro Comum de Referência Europeu, para reorientar o ensino de línguas no Brasil, designando diretrizes que possibilitem aos professores e aprendizes melhorar seu desempenho em sala de aula (Almeida Filho, 1993) rumo a níveis efetivos de CC justificáveis e/ou plausíveis nos muitos contextos nacionais. É urgente a definição de quais graus de competência comunicativa devem ser atingidas em cada nível ou série da escola pública ou privada. Isso clarificaria o trabalho do professor de línguas de todo o Brasil, facilitando o desenvolvimento de planejamento de cursos e a avaliação da aquisição parcial obtida.

Se, através do Plano de Metas pudermos unificar a proposta de ensino de línguas no Brasil e, além disso, encetarmos políticas sérias que promovam mudanças, entre elas o menor número de alunos na sala de aula, recursos apropriados e incentivo à pesquisa, a formação continuada de profissionais envolvidos no ensino de línguas, os professores e aprendizes se sentiriam mais orientados (seguros) e motivados a realmente transformar a sala de aula num ambiente no qual não só se produzisse e compreendesse linguagem de qualidade, mas que nela se fizesse a transformação do indivíduo e assim potencializasse a cooperação, a decisão, a autonomia, a criatividade (MOURA, 2005) e a solidariedade, construindo pequenas comunidades otimizadoras da aquisição de CC nas

línguas postas para estudo na Disciplina Língua Estrangeira em nossas escolas e universidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Campinas: Pontes editores, 1993.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos P. **Linguística Aplicada Ensino de Língua & Comunicação**. São Paulo: Pontes, 2005.
- ALMEIDA FILHO, José Carlos P; BARBIRATO, Rita C. Ambientes comunicativos para aprender língua estrangeira. In **Revista Trabalhos de Linguística Aplicada**, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Unicamp/Campinas, v. 36, n. 1, 2000.
- MOURA, Gerson Araujo. **A hominização da linguagem do professor de LE: da prática funcional à práxis comunicacional**. Dissertação de mestrado- Universidade de Brasília, Departamento de línguas estrangeiras e tradução, 2005.
- HYMES, Dell H. **On communicative competence**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Extracts available in: DURANTI, Alessandro. (2001), "*Linguistic anthropology: a reader*", pp. 53-73. New York: Wiley-Blackwell, 1971
- CANALE, Michael and SWAIN, Merrill. Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing. In: **Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1983, 1, pp. 1-25,
- BACHMAN, Lyle. Communicative Language ability. In: **Fundamental Considerations In Language Testing**. New York: Oxford Press, 1990. pp. 80-110.
- CANTERO, F. J. Complejidad y competencia comunicativa in **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, vol. 7, no. 1, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/UnB, 2008. Acesso digital em www.pgla.org.br.
- CELCE-MURCIA, Marianne, DÖRNYEI, Zoltán and THURREL, Sarah. Communicative Competence: A Pedagogically Motivated Model with Content Specifications. In: **Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1990, 6, pp. 5-35.
- CELCE-MURCIA, Marianne. Rethinking the role of communicative competence in Language Teaching. In: **Intercultural Language Use and Language Learning**, 2008.
- CHOMSKY, Noam. **Readings for Applied Linguistics**. London: Oxford University Press, 1973.
- KRASHEN, S. D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon, 1982.
- PASCHOAL, Antônio Edmilson **Revista Diálogo Educacional** - v. 2 - n.3 - p. 161-169 - jan./jun. 2001.
- ESPÍRITO SANTO, Alexandre do. **Delineamentos de metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 1992.
- THOMAS, Jerry R. e NELSON, Jack K. **Research methods in physical activity**. Champaign: Human Kinetics, 2005, 3.ed..
- WIDDOWSON, H.G. **O Ensino de Línguas Para a Comunicação**, tradução José Carlos Paes de Almeida Filho. Campinas, SP: Pontes Editores, 1991.